

A AGRICULTURA EM SÃO PAULO

BOLETIM DA SUB-DIVISÃO DE ECONOMIA RURAL

Sumário:

ASPECTOS DA PROJETADA REFORMA CAMBIAL.....	1
DIFICULDADES PARA EXECUÇÃO DE UMA POLÍTICA AGRÍCOLA	6
MERCADO DE CAFÉ: Maior estabilidade das cotações-Movimento de negócios-Grande aumento nas exportações-Posição estatística em 30-9-1955-Preços e despachos de cafés no Interior.....	9
MERCADO DE ALGODÃO: Quedas nos preços mundiais-Movimento de negócios em São Paulo Declinam as exportações-Algodão em pluma classificado-Algodão em caroço. preços e entradas nas máquinas.....	15
MERCADO DE CEREAIS: Relativa estabilidade das cotações de milho.....	18
SITUAÇÃO DA LAVOURA	19
SITUAÇÃO DA PECUÁRIA.....	24
SITUAÇÃO DA AVICULTURA.....	26
A AGRICULTURA NO EXTERIOR.....	29
ESTATÍSTICAS: Preços médios no Interior -Importação e exportação pelo porto de Santos.....	34

A N O V
Nº 10
OUTUBRO de 1955

DIVISÃO DE ECONOMIA RURAL
DEPARTAMENTO DA PRODUÇÃO VEGETAL
SECRETARIA DA AGRICULTURA
ESTADO DE SÃO PAULO

A AGRICULTURA EM SÃO PAULO

Boletim da Subdivisão de Economia Rural

Rua Anchieta, 41 - 10º andar, Caixa Postal, 8083

São Paulo - Brasil

SUBDIVISÃO DE ECONOMIA RURAL

Chefe: Eng.º Agr.º Ruy Miller Paiva

S E C Ç Õ E S

Política da Produção Agrícola

Eng.º Agr.º C.C.Fraga, chefe
Eng.º Agr.º Salomão Schattan
Eng.º Agr.º Milton N.Camargo
Eng.º Agr.º Ismar F.Pereira

Mercados e Preços

Eng.º Agr.º Rubens A.Dias, chefe
Eng.º Agr.º Mauro S.Barros

Organização e Administração Rural

Eng.º Agr.º O.J.T.Etteri, chefe
Eng.º Agr.º F.S.Gomes Junior

Previsão de Safras e Cadastro

Eng.º Agr.º Mario Zaroni, chefe
Eng.º Agr.º Oswaldo B.Costa

DIVISÃO DE ECONOMIA RURAL

Diretor: Eng.º Agr.º Mario D.Homem de Mello

DEPARTAMENTO DA PRODUÇÃO VEGETAL

Diretor Geral: Eng.º Agr.º J.M.Fonseca Lima

SECRETARIA DA AGRICULTURA

do

Estado de São Paulo

ASPECTOS DA PROJETADA REFORMA CAMBIAL

I - Os círculos econômicos de nosso país viveram momentos de expectativa com a divulgação do texto da reforma cambial projetada pelo ministro Whitaker e com a decisão, anunciada pelo Presidente da Republica, de não aprová-la antes de ser ouvido o Congresso Nacional.

II - O projeto introduz modificações sensíveis na política cambial. Assim é que institui o câmbio livre para as transações cambiais, com exceção do café, cujas cambiais continuariam a ser vendidas a preços determinados. Estabelece o projeto, a esse respeito, o seguinte:

- 1 - As transações cambiais não mais serão efetuadas com base na paridade declarada ao Fundo Monetário Internacional, em 14 de julho de 1948;
- 2 - O valor do dólar, bem como o de todas as outras moedas estrangeiras, será declarado pelo Banco do Brasil, por determinação do Conselho da Superintendência da Moeda e do Crédito, de acordo com o registrado nas cotações das Bolsas de Fundos Públicos do Rio de Janeiro e de São Paulo.
- 3 - Os bancos autorizados a operar em câmbio revenderão ao Banco do Brasil, nas condições vigentes, as letras de exportação que adquirirem ou o seu equivalente.

Paragrafo Único - As letras de exportação de café continuarão a ser adquiridas com abatimento, elevando-se, todavia, o preço do dólar de 37,06 para 40 cruzeiros. Esse abatimento em caso algum será agravado, sendo ao contrário, reduzido de doze centavos e meio por semana até completa extinção. Havendo declínio nos preços externos, o abatimento deverá ser proporcional e irreversivelmente, diminuído para restabelecimento dos atuais preços internos (Cr\$450,00 por dez quilos, tipo 4, San

tos). Os saldos percebidos serão creditados em conta vinculada no Banco do Brasil e destinarem-se-ão à reorganização do crédito agrícola e ao melhoramento da produção de café.

III - O fato de passarem os produtos a ser exportados pelo câmbio livre, representa para certos produtos agrícolas de exportação, como o algodão, por exemplo, um aumento substancial de preço em cruzeiros. Basta dizer que, segundo as condições atuais, a um preço de 31,5 centavos por libra-pêso para o algodão "middling" 15/16, pêsso Nova Iorque, podemos obter 410 cruzeiros para o algodão pêsso São Paulo. Mudando-se o câmbio do algodão, atualmente de 43,06 para 60 cruzeiros por exemplo, e se os demais fatores permanecerem os mesmos, teremos a possibilidade de obter um preço de 580 cruzeiros para êsse produto.

A efetivação da reforma, poderia, pois, trazer um lucro imediato e líquido de 170 cruzeiros por arrôba de 15 quilos para os comerciantes que ainda não exportaram ou venderam o seu algodão. E é de notar que êsse lucro seria recebido pelas firmas que não especulam e que mantêm os estoques devidamente segurados através de operações de Bolsa, pois, êsse lucro seria efetivado no ato da exportação e apenas em cruzeiros.

Para outros produtos, que não o algodão, é possível que essa mudança do câmbio viesse possibilitar-lhes a exportação. O milho, arroz, amendoim, além de outros de menor importância, poderiam ser exportados na eventualidade de sobras no mercado interno.

IV - Ao contrário do algodão, o café seria favorecido pela reforma, com uma pequena melhoria em seu câmbio, que passaria de 37,6 para 40 cruzeiros e a fixação de um preço mínimo (?) de 450 cruzeiros por 10 quilos para o café Santos tipo 4.

Acredita-se, porém, que essa melhoria do câmbio para o café não resultaria em melhores preços em cruzeiros para os produtos. A facilidade com que se tem desenvolvido a sonegação cambial, trouxe uma situação contraditória em que o preço do disponível - fixado pela Associação Comercial de Santos e usado para fins de registro nas exportações pelo Instituto Brasileiro do Café - é de cerca de 420 cruzeiros e o preço de venda real do café nessa praça é de cerca de 450 cruzeiros. Essa diferença de preço é que permitia aos exportadores oferecerem o nosso café a 53 centavos, pois, se o I.B.C. exigisse o registro na base de 450 cruzeiros, eles teriam que o oferecer a 57 cent. Tratando-se de uma situação de fato, não se poderia com

bater a sonegação sem que resultasse numa elevação do preço pelo qual se ofertam os nossos cafés em Nova Iorque ou numa queda dos preços que se pagam aos produtores em Santos. Como nenhuma das modalidades conviria aos nossos interesses, parece que se resolveu solucionar a questão com essa melhoria do câmbio, pois, através dela, poder-se-ia exigir a elevação das bases de registro sem afetar os preços reais de Santos e os de Nova Iorque. Tal modificação teria, assim, o único escopo de permitir condições para que essa modalidade de sonegação fosse combatida. Devemos dizer, aliás, que não ofereceria condições para combater a outra modalidade usual de sonegação, a que se faz através do envio de produtos de tipo e qualidade diferentes daqueles que são registrados.

V - Como foi visto acima, a reforma cambial instituiria um nível de 450 cruzeiros abaixo do qual o preço do café não poderia cair, pois, para mante-lo nesse nível o valor do dólar-café seria modificado sempre que necessário. Devemos dizer, aliás, que essa medida poderia funcionar efetivamente como uma garantia de preço mínimo enquanto os preços de Nova Iorque não caíssem a níveis mais inferiores. Pois, quando o dólar do café torna-se idêntico ao dólar do mercado livre deixaria de haver essa garantia. Admitindo-se que o dólar no mercado livre se mantivesse em torno de 60 cruzeiros pode-se calcular que a garantia de 450 cruzeiros para o preço do café deixaria de existir quando o preço em Nova Iorque caísse a níveis inferiores a 35 centavos.

VI - No que diz respeito à importação de mercadorias, a reforma cambial estabelece a sobretaxa fixa, em lugar dos ágios e prevê a isenção para certos produtos e mesmo subsídios e outros. Dizem os artigos:

5 - Enquanto não forem estabelecidas novas tarifas aduaneiras continuarão mantidas as atuais categorias de importação, que, na ordem de sua gradação, serão sucessivamente supridas das divisas disponíveis, ficando cada uma sujeita às sobretaxas seguintes, estabelecidas de conformidade com a lei nº 2 410:

1ª. categoria	Cr\$ 25,74
2ª. categoria	Cr\$ 51,49
3ª. categoria	Cr\$114,89
4ª. categoria	Cr\$177,79
5ª. categoria	Cr\$278,81

- 6 - As importações governamentais, as de trigo, papel para livros e para imprensa, petróleo e seus derivados (menos gasolina comum) máquinas, aparelhos e instrumentos agrícolas, adubos e inseticidas não fabricados satisfatoriamente no país, são isentas de sobretaxas.
- 13 - As taxas afixadas pelo Banco do Brasil de acordo com a presente instrução serão as únicas prevaletentes, ficando abolidas quaisquer outras de exceção.

Paragrafo 1º - As importações de trigo em grão, de papel de imprensa e para impressão de livros, e as de petróleo e seus derivados (menos gasolina), continuarão provisoriamente subsidiadas nas suas cotas normais. Consistirá o subsídio no pagamento da diferença entre as anteriores e as novas taxas de câmbio, dos duodécimos das cotas anuais, ou sextos das cotas semestrais; e será integral até 31 de dezembro próximo, sofrendo, daí em diante, uma redução mensal de 5% sobre a diferença verificada no dia do fechamento até extinção total, no prazo máximo de 20 meses.

Paragrafo 2º - Os encargos externos atuais de entidades governamentais e autarquias, bem como as prestações a que já estiverem obrigadas as empresas de serviços públicos, habitualmente atendidos pelo Banco do Brasil, continuarão durante o ano de 1956 e salvo proibição justificada da SUMOC, a ser favorecidos em caráter im-prorrogável com taxas cambiais pelo mesmo custo de que atualmente se beneficiam. A diferença será debitada a conta das sobretaxas.

VII -As sobretaxas acima mencionadas parecem ter sido calculadas na base de determinadas porcentagens sobre o ágio médio dos últimos leilões. As porcentagens foram determinadas de modo a fazer com que o aumento do câmbio livre para 60 cruzeiros, que era o que estava sendo esperado pelas autoridades, não viesse encarecer o preço da mercadoria importada.

VIII -O mesmo objetivo de evitar um encarecimento excessivo do custo de vida, levou as autoridades a isentar certos produtos da sobretaxa e mesmo a subsidiar outros produtos como trigo em grão, papel de imprensa e petróleo de modo que esses, sendo importados a preços inferiores aos do mercado livre, não

afetariam o custo de vida de forma repentina mas, sim, de forma gradual conforme os artigos 6º e paragrafos 1º e 2º do artigo 13º acima transcritos.

IX - Do ponto de vista legal, surgiram também certas restrições à reforma pela maneira que pretendem dar ao recebimento e dispêndio das quantias referentes às sobretaxas e subsídios. Diz a reforma do artigo 9º o seguinte:

9 - O produto das sobretaxas será creditado ao Tesouro Nacional em conta especial no Banco do Brasil; e nessa mesma conta serão debitadas as diferenças resultantes desta instrução nos suprimentos oficiais, bem como os subsídios por ela estabelecidos.

Isso parece contradizer a Constituição, que estabelece em um de seus artigos que a União deverá ter um único orçamento, elaborado pelo Congresso e que não será permitido receber e dispendir recursos que nele não estejam previstos.

* * *

DIFICULDADES PARA EXECUÇÃO DE UMA POLÍTICA AGRÍCOLA

A execução de uma política agrícola num país democrático apresenta, entre outras dificuldades, a de ter de tratar de questões cuja solução exige o emprego de medidas que, muitas vezes, se mostram contrárias aos interesses imediatos dos agricultores.

Um exemplo clássico a esse respeito encontra-se nas medidas referentes à conservação da fertilidade do solo. Ao projetar-se um movimento no sentido de difundir as práticas conservacionistas encontra-se sempre, por parte de certos lavradores, alguma indiferença ou mesmo resistência à aplicação dessas práticas, por julgarem que são dispendiosas e que lhes será mais lucrativo adquirir terras novas, em lugar de aplicar essas práticas. Enquanto existirem terras virgens e férteis bem localizadas pode ser, de fato, mais lucrativo para o indivíduo fazer agricultura com base na exploração do humos natural das terras, abandonando-as quando esse humos se gastar. Do ponto de vista individual imediato, o agricultor pode estar certo, pois, obterá assim mais lucro do que se aplicar uma agricultura conservacionista em que a fertilidade do solo é mantida através de permanente rotação de cultura, adubação, combate à erosão etc. Todavia, do ponto de vista coletivo, essa forma de agir do indivíduo é altamente desvantajosa. A coletividade deve considerar outros interesses, prejudicados por essa agricultura depredatória e essa movimentação em busca de terras novas; deve considerar os interesses dos que trabalham nos centros urbanos e de suas benfeitorias, que se tornam inúteis e precisam ser abandonadas quando decresce a produção dessas regiões; considerar, também, os graves desajustes sociais a que está sujeita a população rural com essa movimentação constante em busca de novas áreas; e considerar, principalmente, a herança pesada que os agricultores deixam aos seus descendentes, os quais, quando esgotadas as últimas áreas de terras virgens, terão de voltar e obter o sustento nas terras velhas, já enfraquecidas. É muito mais fácil manter a fertilidade da terra do que construí-la na base de um solo gasto e depauperado. Considerando, pois, o interesse mais amplo da sociedade, é natural que se procure proibir aos agricultores a prática de uma agricultura depredatória e é justo que se lhes imponham práticas conservacionistas da fertilidade do solo. Casos de conflito semelhante encontram-se, também, no problema do reforestamento, da conservação das fontes de água e em muitos outros.

Obstáculos à melhoria da qualidade dos produtos

Há outras questões de interesse econômico da agricultura para cuja solução encontram resistência por parte do agricultor, não tanto por parecerem contraditórias aos seus interesses como por considerar que as vantagens que o seu emprégo poderá trazer-lhe se acham muito distantes e, por conseguinte, problemáticas. A melhoria da qualidade dos produtos agrícolas é uma questão dessa natureza. É difícil convencer o agricultor que ele deve investir os seus recursos materiais e o seu tempo de trabalho na melhoria da qualidade do café ou do algodão, quando os ágios que se lhes pagam não são considerados satisfatórios. Todavia, do ponto de vista do interesse geral, há grande vantagem em que essas práticas sejam empregadas. Sabe-se que a maior procura dos produtos de uma região depende da qualidade desses produtos. Quando um porto ou uma região adquire "tradição" pela qualidade do produto, os compradores passam a procurar maior volume do produto desse porto ou dessa região. Ainda que o ágio pago a esse produto não seja grande, há a grande vantagem de, em igualdade de condições, ser esse produto vendido antes dos outros. Em períodos de superprodução, essa vantagem de tradição e de qualidade torna-se, portanto, muito maior.

Exemplo elucidativo nesse sentido tem-se com a produção de algodão de São Paulo, que conseguiu facilmente ingressar no mercado consumidor mundial devido à uniformidade do produto. A garantia de um grande volume de algodão uniforme e de boa qualidade estimulou as organizações internacionais a aqui se instalarem para a venda do produto, o que, na ocasião, foi de grande auxílio para o desenvolvimento das culturas. Com o café ainda temos muito a caminhar, no sentido de melhorar a qualidade e, principalmente, aumentar o volume dos cafés de melhores tipos. A Colômbia já conseguiu, em matéria de bebida e tipo, dotar a sua produção de elevado grau de padronização. O mesmo estão conseguindo Angola e outras colônias da África, as quais, para contornar as dificuldades de falta da "bebida" de seu café, estão vendendo tipos muito uniformes, isentos de defeitos e impurezas.

Campanha de esclarecimento

A dificuldade de obter-se uma melhoria nesse sentido reside, conforme foi dito acima, no fato de que os ágios nem sempre refletem essa preferência. Para se conseguir que os agricultores apliquem as práticas necessárias à melhoria da qualidade será necessário, portanto, mostrar-lhes que o seu proveito, poderá não ser imediato e de forma direta mas que, certamente, será compensador através da conquista e manutenção de mercados consumidores.

Aliás, não se mostra fácil a solução de todas essas questões em que o interesse imediato do indivíduo não se coaduna com o da sociedade.

As vezes, obtém-se resultados satisfatórios com o oferecimento de vantagens materiais adicionais aos agricultores que empreguem as medidas aconselhadas.

Outras vezes, um esclarecimento mais amplo aos agricultores, com referência aos benefícios do emprêgo dessas medidas à sociedade e indiretamente a eles mesmos, parece despertar-lhes melhor o sentimento em favor da aplicação das medidas. Nos Estados Unidos, esses problemas têm sido tratados preferivelmente por esse último processo. São aí constantemente realizadas campanhas de esclarecimento junto dos agricultores a fim de convencê-los a pleitear de seus representantes no Congresso a aprovação de certas medidas que favorecem a agricultura. Ou então para convencê-los a aplicarem em suas propriedades certas práticas que interessam à conservação dos recursos naturais da Nação ou, ainda, para substituírem em certas culturas cujos preços estão sendo garantidos pelo Governo, como é, por exemplo, o caso do algodão, por outras culturas que não têm problemas de excedentes e que oferecem maior interesse para a sociedade, como é o caso da soja.

Infelizmente, no Brasil, essas campanhas de esclarecimento não têm sido convenientemente praticadas em benefício de nossa política agrícola, não obstante os inumeros problemas que as estão exigindo. Além das questões referentes à conservação do solo e melhoria de qualidade, acima citadas, pode-se dizer que o problema da defesa dos preços do café teria muito a lucrar com essas campanhas. Através de um movimento bem ordenado de esclarecimento dos agricultores em relação à situação dos países concorrentes e à posição do nosso café em relação ao mercado consumidor, teríamos evitado grandes erros como foram as valorizações artificiais de preços, o crescimento excessivo de novas plantações e a recente recusa de participar de um acôrdo interamericano de café.

MERCADO DE CAFÉ

Maior estabilidade das cotações de café

Em setembro não ocorreram grandes oscilações nas cotações de cafés brasileiros, seja nos mercados americanos, seja em Santos. Em Nova Iorque, as cotações nos contratos "S" e "B" acusaram pequenas altas na primeira quinzena, decaindo após, para terminar o mês mais ou menos nos níveis iniciais, conforme se

Quadro I

MERCADOS	MÊS DE SETEMBRO DE 1955					
	Dia 1	Dia 30	Mínima	Máxima	Média	Média do mês anterior
A-SANTOS (Cr\$/10 quilos) DISPONÍVEL						
Estilo Santos, tipo 4	421,50	418,50	418,50	421,50	419,25	426,25
TÉRMO DA BOLSA						
Contrato "D"						
Setembro	457,00	-	457,00	470,00	463,97	458,71
Dezembro	459,90	463,50	450,40	463,50	457,69	457,20
Janeiro	462,00	462,50	449,90	462,50	457,35	454,98
Março	464,90	463,10	449,90	464,90	458,77	455,22
Maió	464,80	462,80	449,90	465,00	458,50	453,78
Julho	469,90	463,50	449,90	470,00	460,71	456,21
ENTREGAS DIRETAS						
Setembro	460,00	485,00	460,00	485,00	472,50	-
Out./Dez.	460,00	470,00	455,00	470,00	461,46	-
Jan./Junho 56	460,00	470,00	455,00	470,00	460,83	472,11
Jul./Dez. 56	470,00	475,00	455,00	475,00	466,25	461,73
B-NOVA IORQUE ("cents por libra-pêso)						
TÉRMO						
Contrato "S"						
Setembro	56,50	-	55,50	59,00	57,21	51,76
Dezembro	50,10	48,90	48,90	51,50	50,18	46,08
Março 56	44,75	44,75	44,70	46,55	45,56	42,97
Contrato "B"						
Maió 56	42,77	42,70	42,70	44,25	43,42	41,53
Julho 56	41,30	41,36	41,03	42,85	41,92	40,31
Setembro 56	40,30	40,00	39,80	41,40	40,65	-
Contrato "M"						
Setembro	68,40	-	67,90	75,25	72,26	62,80
Dezembro	58,30	60,05	58,30	60,87	59,53	53,61
Março 56	52,30	52,70	51,97	54,35	53,16	48,93
Maió 56	50,15	51,10	48,80	52,00	50,73	47,55
Julho 56	45,85	50,50	47,20	50,90	49,55	46,71

pode observar pelos dados apresentados no quadro I.

Em Santos, nos mercados mais especulativos, notaram-se altas mais acentuadas, determinadas sobretudo pela expectativa da reforma cambial.

Tem-se notado constante recuperação do consumo nos E.U.A. Segundo dados preliminares, em setembro deste ano foram torradas naquele país cerca de 1,7 milhões de sacas, muito mais que 1 397 mil sacas torradas em igual mês de 1954 e, até, algo superior ao volume divulgado para setembro de 1953 (1 685 000 sacas).

O volume torrado de janeiro a setembro deste ano, aliás, já se aproxima das cifras desse mesmo período de 1953 - 14,5 milhões de sacas em 1955 e 14,7 milhões em 1953, bem superior aos 12,8 milhões consumidas nos nove primeiros meses de 1954.

Essa recuperação no consumo, aliada à circunstância de serem baixos os estoques de café verde naquele país, contribuiu para que se avolumasse em setembro a compra de café no Exterior, sendo as nossas exportações das mais elevadas. Isso, além de concorrer bastante para a estabilidade das cotações nos mercados a termo, estimulou a alta das cotações do mercado físico nos E.U.A., tanto assim que, em meados do mês, o café colombiano chegou a ser cotado a mais de 72 "cents" e o café Santos a

Quadro II
COTAÇÕES MÉDIAS DO CAFÉ NO DISPONÍVEL

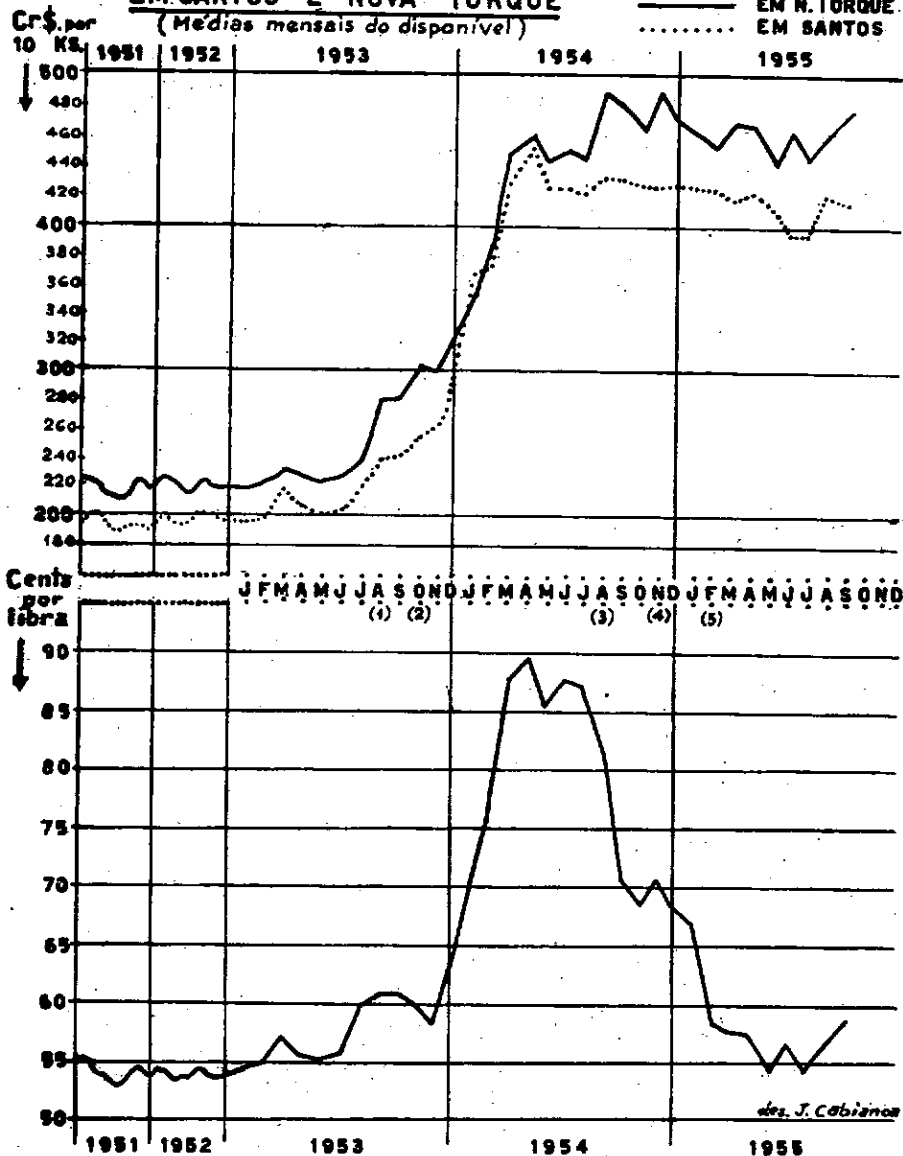
MERCADOS	Julho	1 9 5 5 Agosto	Setembro	1 954 Setembro
NO BRASIL: Cr\$ / 10 quilos				
Estilo Santos, tipo 4	397,25	426,25	418,25	434,25
Paranaguá, tipo 4 mole	394,25	421,50	418,25	430,00
Rio, tipo 7	289,25	295,75	289,75	310,50
Vitória, tipo 7/8	211,75	217,75	193,00	277,00
NOS ESTADOS UNIDOS				
a) "cents" por libra-peso				
Nova Iorque: Santos, tipo 4	54,33	56,55	58,73	70,65
Nova Iorque: Paraná, tipo 4	53,00	55,10	55,93	69,65
N. Orleans: Rio, tipo 7	41,90	41,03	40,80	54,20
N. Orleans: Vitória, tipo 7/8	34,70	32,88	32,85	48,40
b) Cr\$ por 10 quilos				
Nova Iorque: Santos, tipo 4	443,89	462,02	479,84	482,22
Nova Iorque: Paraná, tipo 4	433,02	450,18	466,96	475,39
N. Orleans: Rio, tipo 7	342,33	335,22	330,89	369,93
N. Orleans: Vitória, tipo 7/8	283,81	269,64	268,39	320,35

Fontes: I.B.C. e Bureau Pan-Americano do Café.

COTAÇÕES DO CAFÉ SANTOS, TIPO 4, EM SANTOS E NOVA IORQUE

(Médias mensais do disponível)

LEGENDA:
 — EM N. IORQUE
 EM SANTOS



NOTA: INSTRUÇÕES DA SUMOC: (1) 66 DE 8/8/53; (2) 70 DE 9/10/53; (3) 99 DE 16/8/54; (4) 109 DE 12/11/54; (5) 114 DE 6/2/55.

des. J. Cabianca

59 "cents".

Movimento de negócios

Em setembro, devido ás maiores exportações, ampliou-se o volume de negócios no mercado disponível de Santos, onde foram vendidas 731 297 sacas, pouco mais de 110 mil sacas que em agosto.

Continua em níveis baixos - 16 250 sacas- o movimento de negócios no termo da Bolsa Oficial de Café, sendo de notar que não houve no mês nenhuma venda dentro do contrato "C". Nas "entregas" o movimento também decaiu, pois foram vendidas 202 500 sacas, em confronto com as 338 500 sacas negociadas em agosto.

Em Nova Iorque, também ocorreu diminuição nos negócios a termo, tendo o movimento atingido a 1 490 250 sacas (em agosto- 1 817 750), das quais 1 370 000 nos contratos "S" e "B," em que só podem ser entregues cafés brasileiros.

Grande aumento nas exportações

Devido aos fatores já assinalados, registraram-se em setembro volumosas exportações de café, conforme se pode ob-

Quadro III
EXPORTAÇÃO DE CAFÉ PARA O EXTERIOR
Sacas de 60 quilos

M E S E S	BRASIL	SANTOS	RIO	PARANAGUÁ	VITÓRIA
Setembro 55	1 961 512	697 509	577 754	471 343	153 371
Agosto 55	1 084 797	502 839	274 334	183 229	70 335
Julho 55	953 549	599 896	223 294	42 396	76 988
Setembro 54	337 686	380 256	251 205	117 393	71 090
Setembro 53	1 681 937	786 716	431 871	344 100	93 500
Setembro 52	1 627 434	847 648	304 550	387 036	51 909
Jul./Set. 55	3 979 858	1 800 044	1 075 382	696 968	300 694
Jul./Set. 54	1 981 929	902 163	572 785	244 642	229 853
Jul./Set. 53	3 905 723	1 819 734	860 138	894 280	325 359
Jan./Set. 55	9 170 807	4 835 299	2 451 119	927 364	701 049
Jan./Set. 54	7 294 512	3 471 044	1 773 451	1 234 316	677 468
Jan./Set. 53	10 455 704	5 208 451	2 011 611	2 522 822	624 112

Fonte:- Instituto Brasileiro do Café.

servar pelos dados do quadro III. Foram exportados por todos os portos cafeeiros do Brasil 1 961 512 sacas, volume mensal poucas vezes atingido anteriormente. Santos teve bastante diminuição da sua participação nas exportações brasileiras, visto haver contribuído em setembro com apenas 35,5%, quando, em meses anteriores, era até superior a 50%. Com os embarques de setembro, as nossas exportações, tanto nos três primeiros meses da safra como nos nove primeiros meses do ano, já ultrapassam bastante os níveis atingidos no ano precedente.

Do total embarcado em setembro, 1 314 533 foram compradas pelos Estados Unidos, que nesse mês chegaram a doar suas compras em relação a agosto último.

Posição Estatística em 30/9/55

Apresentamos no quadro IV um resumo da situação

Quadro IV

POSIÇÃO ESTATÍSTICA DO CAFÉ NO BRASIL EM 30 DE SETEMBRO SAFRAS DE 1952/53 E 1955/56 Sacas de 60 quilos

	1952/53	S 1953/54	A 1954/55	R 1955/56	A 1955/56	S
I - SALDO VERIFICADO EM 30/9						
A liberar	496 146	68 738	14 651		66 110	
Estoque nos portos	2 456 212	3 235 350	3 304 594	3 238 927		
Total	2 952 358	3 304 088	3 319 245	3 305 037 (*)		
II- CAFÉ REGISTRADO DE JULHO A SETEMBRO						
Café de safras anteriores	57 663	70 030	30 416		10 000	
Café da safra em apreço	9 136 317	6 720 723	7 692 660	10 588 000		
Total	9 193 980	6 790 753	7 723 076	10 598 000		
Total I + II	12 146 338	10 094 841	11 042 321	13 903 037		
III-CONSUMO DE JULHO A SETEMBRO						
Exportação para o Exterior	4 168 227	3 905 723	1 981 929	3 979 858		
Comércio de cabotagem	84 246	128 496	86 635	136 194		
Consumo nos portos	115 535	115 535	118 409	100 000		
Total	4 368 008	4 149 754	2 186 973	4 216 052		
IV- DISPONIBILIDADE EM 30/9	7 778 330	5 945 087	8 855 348	9 686 985 (*)		
V - CAFÉ A REGISTRAR	6 893 308	8 392 898	6 803 718	7 112 000 (1)		
VI- DISPONIBILIDADE (ATE 30/9)	14 671 638	14 337 985	15 659 066	16 798 985 *1)		

Quadro elaborado com dados do I.E.C.

* Nos totais assinalados não está incluído o estoque em poder do Governo Federal e atualmente fora de mercado (3 210 761 sacas). Se computados os totais I, IV e VI da safra de 1955/56, passariam respectivamente a 6 515 798, 12 897 746 e 20 009 746.

(1) Estimada a safra de 1955/56 em 17,7 milhões de sacas.

estatística do café no Brasil no fim de setembro, comparada com períodos anteriores. Por esses dados observa-se que mesmo com a melhora notada nas exportações, continuamos na atual safra com maiores disponibilidades que nas safras anteriores, principalmente se computarmos os estoques em poder do Governo Federal e presente mente fora do mercado. Assim, deveremos ter de outubro deste ano até o fim da safra- junho de 1956- uma disponibilidade total de 20 milhões de sacas, 4,3 milhões a mais que no mesmo período da safra anterior.

Preços e Despachos de Café no Interior

Os preços de café no interior de São Paulo, apresentaram em setembro pequena queda em relação aos do mês de agosto. Foram obtidos em média pelos lavradores Cr\$ 2 210,40 por saca beneficiada de 60 quilos (Cr\$ 2 249,90 em agosto) e Cr\$702,80 por saca de 40 quilos de café em côco (Cr\$ 718,10 em agosto).

Em setembro foram despachadas, no interior de Estado, com destinos aos portos de exportação, 2 078 173 sacas, das quais 2 006 731 com destino a Santos. Com essas quantidades, o total já despachado nos três primeiros meses de safra já atinge a 6 785 732 sacas. Nos mesmos meses de 1954 tinham sido embarcadas 5 901 070 sacas. Esse volume de embarques, a menos que tenha havido apressamento no envio de café aos portos, leva a prognosticar para São Paulo uma safra maior que a inicialmente prevista. Do total já embarcado no interior de São Paulo, cerca de 92% consistem-se de cafés comuns, sendo de 532 071 sacas apenas o total embarcado de cafés preferenciais, isto é, cafés de tipo superior a 3/4 que gozam de prioridade na liberação.

* * *

MERCADO DE ALGODÃO

Quedas nos preços mundiais

Contrariando a tendência apresentada na segunda quinzena de setembro, notou-se em outubro quedas quase constantes nas cotações de algodão, tanto nos Estados Unidos como na Bolsa de Liverpool. Elas foram mais intensas no mercado de Liverpool, onde as cotações dos meses de 1956 acusaram sensíveis baixas entre o início e o fim do mês, conforme se pode observar pelos dados do quadro I. Essa tendência está sendo determinada,

Quadro I

M E R C A D O S	MÊS DE SETEMBRO DE 1956					
	Dia 1	Dia 30	Mínima	Máxima	Média	Média de mês anterior
A-SÃO PAULO (Cr\$15 kg)						
DISPONÍVEL						
Tipo 5	492,00	480,00	487,00	492,00	482,48	504,09
TÉRMO						
Contrato Nacional						
Outubro	484,50	456,00	447,00	499,50	477,45	506,18
Dezembro	513,75	519,75	478,50	529,50	513,30	529,97
Março 56	529,50	549,75	500,25	549,75	532,91	545,37
Maió 56	501,00	524,25	483,75	532,50	508,07	519,49
Julho 56	501,00	528,50	486,00	533,55	508,07	518,68
B-NOVA IORQUE ("cents"por libra)						
DISPONÍVEL						
"Middling"	34,45	33,50	33,45	34,45	33,86	34,53
TÉRMO						
Outubro	33,75	32,58	32,50	33,75	33,01	33,77
Dezembro	39,74	32,42	32,42	39,74	33,08	33,53
Março 56	38,44	31,97	31,97	38,48	32,87	33,61
Maió	33,49	31,98	31,98	33,52	32,92	33,70
Julho	32,95	31,68	31,68	32,98	32,45	33,15
Outubro	32,53	31,75	31,75	32,59	32,23	32,93
Dezembro	32,46	31,65	31,65	32,51	32,14	32,60
C-LIVERPOOL ("pences"por libra)						
DISPONÍVEL						
"Good Middling"	31,75	31,25	31,25	31,75	31,35	31,73
TÉRMO						
Out./Nov.	31,43	30,58	30,36	31,43	30,83	31,01
Dez./Jan.	30,68	29,04	29,04	30,68	30,09	30,18
Março/Abril	29,10	28,99	28,99	29,41	28,87	28,99
Maió/Junho	28,88	28,71	28,71	28,90	28,19	28,67
Julho/Agosto	28,87	28,31	28,31	28,37	27,68	28,38

Fonte: Bolsa de Mercadorias de São Paulo

em grande parte, pelo contínuo agravamento da situação estatística do produto, principalmente nos E.U.A., o que poderá forçar, em 1956, o oferecimento, por esse país, de 1 milhão de fardos a preços bem inferiores aos dos demais países e, também, favorecer a saída de maior quantidade de algodão, mediante empréstimos, pagamento em moedas estrangeiras e outros meios. No começo de setembro foi publicada a nova estimativa da safra americana e, segundo vem ocorrendo, assinalaram-se novos aumentos, já atingindo a previsão feita em 1º de setembro a 12 873 000 fardos.

No mercado de São Paulo, as cotações ainda apresentaram altas no decorrer do mês, o que pode ser explicado pela esperança, então reinante, da adoção da reforma cambial.

Movimentados os negócios em São Paulo

A expectativa de aumentos substanciais nas cotações do produto, devido à reforma cambial, motivou, em grande parte, sensível aumento dos negócios a termo em setembro na Bolsa de São Paulo.

Foram vendidos nesse mês 825 contratos, no total de 550 mil arrôbas, em confronto com 226 mil arrôbas negociadas em agosto último e 322 mil vendidas há um ano. A posição em aberto, no fim de setembro, era de 478 mil arrôbas, ou 106 mil arrôbas a mais que no início do mês, demonstrando como foi avolumada a tomada de posições.

Baixas nas exportações

No quadro II apresentamos dados sobre a exportação de algodão em pluma pelo porto de Santos.

Quadro II
EXPORTAÇÃO DE ALGODÃO EM PLUMA PARA O EXTERIOR
PELO PORTO DE SANTOS
- Toneladas -

	1952	1953	1954	1955
Setembro	1 424	17 619	20 360	9 463
Agosto	1 455	9 632	22 240	15 548
Julho	2 865	12 480	30 324	15 984
Janeiro a setembro	24 263	61 601	225 145	98 165
Março a setembro	19 561	58 210	177 161	77 855

Fonte: L.Figueiredo S/A.

Em setembro deste ano, verificou-se sensível diminuição nas vendas para o Exterior, isto é, apenas 9 463 toneladas. As exportações nos nove primeiros meses do ano alcançaram 98 165 toneladas.

Algodão em pluma classificado

Em setembro, as classificações de algodão em pluma pela Bolsa de Mercadorias atingiram 10 851 toneladas, o que eleva o total já classificado na atual safra a 228 428 775 quilos. Até igual época de 1954 tinham sido classificadas 217 562 toneladas.

Na safra atual estão predominando os algodões de tipo inferior, bastando dizer que 85,1% do algodão já classificado é do tipo 5/6 para baixo.

Algodão em caroço: preços e entradas nas máquinas

Em setembro, o preço médio recebido pelos lavradores foi de Cr\$ 128,50 por arroba de algodão em caroço, preço inferior ao dos meses anteriores, em parte porque o pouco algodão ainda em mãos dos lavradores é de tipo mais baixo e tem encontrado certa dificuldade em ser vendido.

As entradas nas máquinas, em setembro, atingiram apenas 8 755 toneladas de algodão em caroço (em agosto- 35 357 ton.), o que mostra já estar praticamente terminada a atual safra. Com essas entradas sobe a 661 082 toneladas o total recebido pelas usinas de beneficiamento, em confronto com 618 813 toneladas recebidas no mesmo período de 1954

Quadro III RELAÇÃO DO ALGODÃO EM CAROÇO RECEBIDO PELAS USINAS DE BENEFICIAMENTO-SAFRA DE 1954/55

- Toneladas -					
ZONAS DE FISCALIZAÇÃO	Em Setembro	Março a Setembro	ZONAS DE FISCALIZAÇÃO	Em Setembro	Março a Setembro
Araçatuba	2 197	111 712	Fernandópolis	905	38 748
Araraquara	623	10 151	Lucélia	-	63 222
Avaré	25	10 450	Marília	136	60 503
Bauru	168	7 837	Paraguaçu	-	44 320
Bebedouro	29	17 368	Piraçununga	41	13 900
Campinas	878	12 924	Pres. Prudente	3 482	190 142
Catanduva	271	31 252	Rib. Preto	-	48 553
TOTAL DE TODO O ESTADO				8 755	661 082

Fonte: Divisão de Economia Rural.

MERCADO DE CEREAIS

Milho

Após vários meses de altas acentuadas, verificou-se em setembro, relativa estabilidade nas cotações do milho no mercado de São Paulo. A média nesse mês (veja quadro I) para o milho amarelinho foi de Cr\$259,68 por sacco de 60 quilos, enquanto em agosto fôra de Cr\$252,89. De qualquer modo, essas cotações estão em níveis assaz superiores aos vigôrantes em igual época do ano anterior.

Os preços médios recebidos pelos lavradores, no Interior do Estado em setembro, acusaram ainda sensível aumento - de Cr\$23,20 por sacco - em relação aos níveis do mês precedente, Cr\$226,70 por 60 quilos.

Arroz

Continuam estáveis os preços de arroz, quer no mercado de São Paulo, quer no Interior do Estado. No quadro I são apresentadas as médias atingidas, para as diversas qualidades. No Interior, o preço médio para o arroz em casca foi de Cr\$... 370,10 por sacco de 60 quilos.

Quadro I

**COTAÇÕES MÉDIAS DE CEREAIS EM SÃO PAULO
NO DISPONÍVEL - Cr\$ por 60 quilos**

M E R C A D O S	1	9	5	5	1954
	Julho	Agosto	Setembro	Setembro	Setembro
MILHO					
Amarelinho	214,31	252,89	259,68	259,68	113,99
Amarelo	213,83	252,63	258,21	258,21	105,28
Amareloão	213,44	252,20	257,47	257,47	101,79
ARROZ BENEFICIADO					
Amareloão, especial	711,66	725,75	733,99	733,99	815,98
Aguilha, especial	640,00	626,66	Nom.	Nom.	Nom.
Blue Rose, especial	523,28	526,51	525,96	525,96	536,66
Catete, especial	494,00	479,47	505,31	505,31	530,00
3/4 arroz	360,20	364,21	370,09	370,09	Nom.
1/2 arroz	224,32	230,01	220,57	220,57	293,94

Fonte: Bolsa de Cereais de São Paulo.

SITUAÇÃO DA LAVOURA

Tempo

O mês de setembro caracterizou-se pela ausência quase completa de chuvas. A média das precipitações pluviométricas no Estado foi de 4,1 mm, enquanto a média do mesmo mês de anos anteriores atingiu 75,1 mm.

A seca prejudicou consideravelmente as pastagens, agravando a situação dos criadores de bovinos e o perigo de queimadas. As lavouras permanentes também se ressentiram.

O endurecimento da terra determinou a paralisação das arações, o que poderá acarretar atraso no plantio de arroz, milho, algodão, amendoim e outros produtos.

MÉDIAS DAS PRECIPITAÇÕES PLUVIOMÉTRICAS NOS SETORES AGRÍCOLAS (Em mm)

S E T O R E S	1 9 5 5 (2)			Média de anos anteriores (1)		
	Julho	Agosto	Setembro	Julho	Agosto	Setembro
Araçatuba	5,3	29,8	0,0	27,0	29,0	74,0
Araraquara	0,8	-	-	15,4	17,6	64,4
Avaré e Ourinhos	43,8	92,1	2,9	30,6	36,6	68,2
Bauru	26,6	49,4	0,0	20,3	31,6	63,3
Bebedouro	0,0	7,9	0,0	14,0	14,6	48,3
Bragança	7,6	85,7	-	32,0	45,3	73,0
Campinas	12,3	81,2	1,7	17,0	33,0	79,3
Capital	-	97,5	0,0	56,2	68,4	120,2
Catanduva	0,0	22,4	-	12,0	17,0	70,3
Franca	0,0	-	0,0	14,0	17,2	56,5
Itapetininga e Itapeva	74,3	105,7	4,6	31,0	37,0	72,0
Jadé	6,2	68,5	0,5	19,1	24,7	66,5
Jundiaí	20,9	112,6	0,6	31,6	36,6	71,6
Lins	2,2	44,1	0,0	17,7	7,0	54,5
Marília e Lucélia	27,5	47,2	0,5	30,6	10,6	61,6
Orlândia	0,0	0,0	0,0	9,0	6,0	59,0
Paraguacu	26,6	60,0	-	35,0	42,5	63,5
Piracicaba	5,6	97,7	0,2	19,3	19,3	62,8
Pirassununga	1,8	-	1,9	15,5	19,5	58,1
Presidente Prudente	27,9	49,8	0,0	34,5	42,5	85,0
Ribeirão Preto	0,0	26,6	0,0	17,3	22,0	61,6
Santos	73,0	77,1	54,1	95,5	22,1	152,1
São J. da Boa Vista	0,0	33,6	0,2	14,7	105,5	63,8
São J. do Rio Preto	0,0	-	0,0	7,0	22,0	42,0
Taubaté e Lorena	27,0	48,5	18,6	39,5	41,4	87,3
Média do Estado	18,2	61,4	4,1	26,2	30,7	75,1

(1) - Média em número variável de Municípios de cada setor. O período de observação nesses Municípios variou de 4 a 57 anos.

(2) - Dados fornecidos mensalmente pelos agrônomos regionais.

Café

Foi praticamente ultimada a colheita durante o mês de setembro, essa operação, contudo, prossegue em algumas fazendas maiores. Apenas no setor agrícola de Ourinhos ainda há bastante café por colhêr. A seca favoreceu-a, mas, em algumas regiões, as lavouras se ressentiram da falta de água, principalmente as replantas.

A florada que se abriu no começo do mês teve bom pagamento, graças às chuvas ocorridas no fim de agosto, todavia, caso a estiagem se prolongue, a próxima florada será prejudicada.

Outros trabalhos executados foram a esparramação do cisco, as desbrotas e capinas. Em diversas propriedades também se iniciaram as adubações químicas e orgânicas.

O estado sanitário das lavouras é bom, não se notando ataque intenso de nenhuma praga ou moléstia. Em Piraju registrou-se o ataque de uma cochonilha classificada recentemente pelo Instituto Biológico como "Cercocebus catenarium". A incidência desse inseto sugador foi notada aproximadamente em 5 000 plantas.

Algodão

A seca reinante em setembro dificultou o preparo do solo para o plantio; o endurecimento do solo permitiu essa operação apenas aos possuidores de tratores.

A venda de sementes, que se processava normalmente, caiu nos últimos dias do mês, passando os lavradores a esperar a distribuição gratuita pelo Estado.

Algumas áreas que se destinavam ao plantio do amendoim e não puderam ser utilizadas para esse fim por falta de chuvas, serão semeadas com algodão. Muitos cafezais atingidos pelas geadas terão o algodão como cultura intercalar.

Arroz

Em terras de baixadas e várzeas já foram realizados alguns plantios, mas, a maior parte da área destinada a esse cereal ainda está em fase de preparo; esse trabalho está sofrendo atrasos devido à estiagem.

Há entusiasmo pela cultura, mas, ainda não se pode julgar se haverá aumento ou diminuição na área cultivada, em relação à do ano passado.

Amendoim

Há pouco interesse por essa cultura, em virtude dos baixos preços alcançados na safra anterior. Além disso, o tempo tem impedido a semeadura, que, no início do mês, foi realizada em pequena área. Se a seca persistir por mais algum tempo, parte das terras destinadas ao amendoim será semeada com algodão.

Milho

O tempo não foi favorável para o preparo das terras e muito menos para o plantio desse cereal. Em algumas áreas já semeadas será necessária a realização de replantas.

Nota-se entre os agricultores interesse por melhores sementes.

A área a ser plantada deverá ultrapassar a da safra anterior.

Cana de açúcar

A ausência de chuvas no mês de setembro contribuiu para que o corte da cana se processasse em ritmo acelerado.

No setor de Piracicaba, o rendimento agrícola está sendo inferior ao da safra passada em consequência da seca ocorrida e das geadas. As lavouras atingidas pelas geadas estão, também, determinando um rendimento industrial inferior.

Os canaviais novos queimados pelas geadas com as chuvas do fim de agosto tiveram boa brotação e apresentam-se com bom aspecto vegetativo.

Durante o mês foram realizadas adubações das soqueiras.

Batatinha

No setor agrícola de Presidente Prudente, reina o desânimo entre os lavradores que se dedicam a essa cultura, pois,

apesar dos bons rendimentos obtidos na safra recém-terminada , houve grande queda no preço do produto, em setembro.

No setor de Bragança, onde se verifica bastante interêsse pela cultura, a sementeira, que devia ter sido iniciada em setembro, não pôde ser realizada.

Mandioca

Prosseguiu o arrancamento do produto destinado às fabricas de amido e raspa, que se localizam principalmente nos setores de Piracicaba e Piraçununga.

É pequeno o interêsse por novos plantios, pois, o preço pago pelas firmas industriais, de 40 centavos por quilo, pôsto na roça, não é satisfatório.

Na região agrícola de Santo Anastácio, onde as plan-tações se destinam à fabricação de farinha e alimentação de suí-nos, há grande procura de manivas para plantio, escassas no momento em virtude da destruição causada pelas geadas.

Trigo

A colheita teve início nos últimos dias do mês na região de Itapeva. Exceto nas áreas atingidas pelas geadas, o rendimento tem sido muito bom, esperando-se que em média, supe-re 800 kg por hectare, o melhor resultado obtido até a presen-te data, na região.

Laranja

É bom o aspecto das culturas, de modo geral. A óti-ma florada, em setembro, faz prever boa produção para o próxi-mo ano.

Os trabalhos realizados nos pomares foram a caiação dos troncos, a limpeza das árvores, as pulverizações com óleo e calda bordalesa e as adubações minerais e orgânicas. Ainda continua a colheita das variedades mais tardias

Em Limeira, a safra de 1956 de boa parte dos poma-res, já foi negociada, tendo alcançado bons preços.

Uva

Os vinhedos apresentam boa brotação e as perspectivas são de grande safra para este ano agrícola.

Em muitas lavouras já se realizou a desbrota. As pulverizações com calda bordalesa foram iniciadas.

Figo

Apesar da falta de chuvas os figueirais tiveram boa brotação; alguns apresentam frutos verdes bem desenvolvidos.

Os tratos culturais realizados durante o mês foram as primeiras pulverizações com calda bordalesa e as desbrotas.

A maioria dos produtores já providenciou a encomenda de engatados e gavetas necessárias à comercialização do produto.

 SITUAÇÃO DA PECUÁRIA

Pastagens

As invernações de todo o Estado continuam em precárias condições, devido à seca reinante; em Presidente Prudente já houve perdas de animais, por morte, em virtude da falta de pastos. Teme-se igual sorte para os rebanhos da Noroeste principalmente em Birigui. Até as aguadas já começaram a secar o que acarretará maiores prejuízos. As reservas forrageiras das zonas leiteiras já foram consumidas e, agora, somente a torta de algodão e os resíduos da moagem do trigo poderão servir como elemento de auxílio à criação.

Gado de corte

Declina o estado de carne do rebanho invernado nesta época, em virtude da precariedade dos pastos. O preço do gado magro continua em elevação e os novilhos de três anos oriundos de Goiás, foram negociados na base de Cr\$4.150,00 a cabeça. Em Santo Anastácio e adjacências tem sido pequeno o trânsito de boiadas. Ainda é regular o estado sanitário do rebanho. Indica mos adiante o abate durante o mês de setembro, nos principais frigoríficos do Estado:

Frigorífico	Boi	Vaca	Vitelo	Total	Janeiro a setembro
Armour	7 762	521	247	8 530	167 857
Wilson	9 132	1 027	121	10 280	177 535
Anglo	6 729	11	-	6 740	148 761
Swift	7 303	-	588	7 891	110 840
S. Amaro	2 060	4	249	2 313	39 477
Total	32 986	1 563	1 205	35 754	644 470

Cotejando-se o total abatido neste mês com o anterior, nota-se sensível redução, isto é, 20 352 cabeças a menos. Esse declínio de abate ocorre normalmente nesta época do ano e prolonga-se por todo o período chamado de entre-safra.

Cotação

(Fornecida pelo Sindicato da Indústria do Frio de São Paulo - Preço de compra até 15-10-55 p8sto frigorífico por arr8ba)

Frigorífico Armour S/A		Frigorífico Wilson do Brasil S/A	
Bois de consumo	Cr\$350,00	Novilhos gordos	Cr\$360,00
Vacas gordas	295,00	Vacas e torunos gordos	345,00
Carreiros gordos	295,00	Carreiros gordos	345,00
Gado tipo conserva	240,00	Gado tipo conserva	240,00
Touros gordos	295,00	Vitelo gordo	300,00
Vitelos gordos	285,00		

Devido à liberação do preço da carne, no Estado de S. Paulo, os preços de compra d8sSES frigoríficos experimentaram as altas de Cr\$20,00 e Cr\$10,00, respectivamente, nos tipos "bois de consumo" e "novilhos gordos".

Gado de Leite

A situação do rebanho e da produção leiteira é idêntica à relatada no mês anterior, essa última, contudo, ligeiramente agravada quer pela falta de pasto, quer pela falta de concentrado.

Suinocultura

Em Itararé, sóbe a 900 o número de animais atingidos pela peste suína, todavia, o mal está quase totalmente controlado, graças à intervenção dos órgãos competentes. Continua o desinteresse pelo porco magro em virtude do alto preço do milho, concorrendo para a alta da cotação do porco gordo. Foi a seguinte a matança nos frigoríficos durante o mês:

	Janeiro						setembro
Frigoríficos	Armour	Wilson	Swift	S. Amaro	Total		
Porcos abatidos	7 571	10 267	7 859	1 315	27 012	119 038	

Cotação

(Fornecida pelo Sindicato da Indústria do Frio de São Paulo - Preço de compra até 15/10/55 p8sto frigorífico.)

Frigorífico Armour S/A		Frigorífico Wilson do Brasil S/A	
Suino gordo, média de 75 kg	Cr\$400,00 a arr8ba	Suino gordo, média de 80 kg	Cr\$400,00 a arr8ba

* * *

SITUAÇÃO DA AVICULTURA

No Interior

Durante o mês de setembro subiu ainda mais o índice de postura das galinhas, que se manteve em nível elevado. Grande postura e preços baixos constituem ocorrências normais nessa época do ano.

Em diversas regiões foram instaladas novas granjas bem como houve aumento do número de poedeiras nas granjas já existentes.

A distribuição de farelo e farelinho de trigo foi normal. É ótimo o estado sanitário dos rebanhos.

Mercado da Capital

Aves: Registraram-se pequenas altas nos preços de frangos e galinhas por cabeça e por quilo abatido no mercado atacadista, os quais, contudo, se mantiveram inalterados no varejo.

Ovos: No atacado, o preço por dúzia elevou-se de Cr\$16,60 em agosto para Cr\$17,21 em setembro (aumento de 3,7%)

No varejo, o preço passou de Cr\$21,00 para Cr\$22,00, que representa 4,8% a mais.

Conforme pode verificar-se no quadro sobre o ciclo de preços dos ovos no varejo, não é normal esse aumento de preços em setembro. Ao contrário, tanto na média de 1949/54 como no ano passado, houve baixa de preços nesse mês. Esse aumento pode ter sido consequência de maior procura, em virtude da elevação do preço da carne bovina.

CICLO DOS PREÇOS DE OVOS NO VAREJO (em números índices) Janeiro = 100

	jan.	fev.	mço.	abr.	maio	jun.	jul.	ag.	set.	out.	nov.	dez.
Média 1949/54:	100	113	123	126	132	132	124	95	92	94	95	99
1954:	100	105	116	126	137	121	131	95	89	95	89	95
1955:	100	109	123	123	127	127	136	95	100	-	-	-

PREÇOS MÉDIOS PONDERADOS DE AVES, OVOS E RAÇÕES

1 - <u>AVES</u>	Setembro	Agosto		
	1955	1955		
ATACADO	Cr\$	Cr\$		
Frangos e galinhas (p/cabeça)	40,10	39,40		
Frangos (p/kg abatido)	52,90	49,80		
Galinhas (p/kg abatido)	41,60	40,20		
Pernas (p/kg abatido)	60,00	-		
Pintos de 1 dia				
New Hampshire				
Mistos	8,50	8,50		
Machos	8,70	6,70		
Fêmeas	15,00	15,00		
Leghorn				
Mistos	8,50	8,50		
Machos	1,00	1,10		
Fêmeas	15,00	15,00		
VAREJO				
Frangos (p/cabeça)	70,00	70,00		
Galinhas (p/cabeça)	70,00	70,00		
2 - <u>OVOS</u> (Preço por dúzia)				
ATACADO	17,21	16,60		
VAREJO	22,00	21,00		
COTAÇÕES				
(Ovos de granja-caixa de 30 dúzias)				
Tipos	Casca Branca	Casca Vermelha	Casca Branca	Casca Vermelha
Especial	586,00	586,00	560,00	570,00
A	554,00	574,00	531,00	551,00
B	539,00	539,00	514,00	514,00
C	489,00	486,00	472,00	472,00
D	439,00	439,00	432,00	432,00
3 - <u>RAÇÕES</u>				
(Posto São Paulo p/kg)	Mínima	Máxima	Mínima	Máxima
P/pintos de 1 a 30 dias	3,64	4,40	3,64	4,40
" " " 30 a 90 "	3,64	4,00	3,64	3,98
Frangos até postura	3,40	4,00	3,40	3,90
Postura	3,60	3,94	3,60	3,80
Reprodução	3,98	4,20	3,98	4,00
Farelo de trigo (saco de 30kg)	-	32,00	-	32,00
Farelinho de trigo (saco de 30 kg)	-	34,00	-	34,00

Fontes: Levantamentos realizados pela Subdivisão de Economia Rural na Capital do Estado. Preços de varejo: Prefeitura Municipal de São Paulo.

O movimento das vendas das cinco maiores cooperativas e da Avisco, conforme se depreende do quadro que mostra essas vendas em números índices, foi, em relação ao mês de janeiro, inferior ao da média de 1949/54 e ao de 1954.

MOVIMENTO DAS VENDAS DE OVOS DAS COOPERATIVAS

(Em números índices)

Janeiro = 100

	jan.	fev.	maç.	abr.	maio	jun.	jul.	ag.	set.	out.	nov.	dez.
Média 1949/54:	100	80	90	83	83	79	94	120	118	138	130	125
1954:	100	92	95	82	90	71	89	120	116	125	128	138
1955:	100	89	97	91	94	87	94	120	112	-	-	-

Em números absolutos, as vendas atingiram 1 170 121 dúzias, em relação a 1 084 033 no mesmo mês de 1954.

* * *

A AGRICULTURA NO EXTERIOR

(Resumo de notícias e opiniões colhidas em publicações pan-americanas e europeias)

POLÍTICA DE PREÇOS DOS PAÍSES EXPORTADORES DE ALGODÃO

Existem indicações de que quase todos os países produtores de algodão que dispõem de excedentes exportáveis, podem competir efetivamente com a fibra norte-americana no que diz respeito aos preços, em virtude de sua estrutura econômico-social. Junta-se a esse fato a fixação de políticas ou programas governamentais os quais são utilizados, segundo as circunstâncias, para apressar a exportação de algodão.

No Egito, o Governo adquire toda a safra dos produtores na base de preços determinados que garantem uma remuneração justa aos cultivadores, considerando-se as condições ali existentes. São os seguintes os preços anunciados para a colheita de 1955-56, em centavos de dólar, à taxa de 35 piastras por dólar:

	Equivalência Centavos de dólar por libra-pêso
Ashmouni	31.73
Giza 30	34.04
Menoufi	35.19
Karnak	37.50

O algodão é vendido pela Comissão de Algodão (oficial) a níveis acima do preço de compra que acompanha as cotações da Bolsa de Algodão de Nova Iorque.

Um dos instrumentos mais efetivos da exportação é a "Conta de Habilitação" (Entitlement Account). Ela garante ao exportador de pluma o privilégio de vender no mercado livre 75% das cambiais estrangeiras; os restantes 25% devem ser convertidos à taxa de câmbio oficial estabelecida pelo Banco do Egito. Devido à grande procura de moedas estrangeiras para a aquisição de numerosas mercadorias que o país necessita importar, os importadores pagam apreciável prêmio pelas moedas desejadas. A um ágio de 12,5% um exportador egípcio que vende algodão a um importador alemão em marcos, pode fazer-lhe uma concessão de preço de tanto como 2 centavos e meio por libra-pêso. Uma redução de 2 1/2 centavos de dólar por libra-pêso numa remessa de Ashmouni pode ainda proporcionar ao exportador egípcio ganhar o equivalente, aproximadamente, de 1/2 centavo por libra-pêso sobre a venda no mercado livre de 75% dos marcos que a exportação lhe proporcionou.

Nos últimos dois anos, a Turquia obteve grande parte de sua exportação de algodão através de acordos bilaterais, isto é, em essência convênios de troca. Uma dessas transações, recentemente concluída com a França, representou a venda de cerca de 100 000 fardos de algodão. Não há um meio prático de precisar o preço pelo qual o algodão foi permutado por numerosos tipos de mercadorias francesas. Sabe-se, contudo, que a Turquia manteve enorme déficit na balança comercial com a França e que os pagamentos nessa conta sofreram atrasos durante certo tempo. O preço do algodão turco consideravelmente acima dos preços de outros algodões de qualidade semelhantes, todavia, não parece que na ausência dos atrasados turcos estivessem os franceses dispostos, agora, a realizar ajustes na base daquele apreciável volume de algodão. Informou-se que as cooperativas da Turquia venderam o algodão à França mediante considerável desconto na base do preço de mercado e que o Governo turco concordou em cobrir as perdas suportadas pelas cooperativas.

Em todos os territórios coloniais da França, Grã-Bretanha, Bélgica e Portugal na África, o mercado de algodão está muito bem organizado graças a entidades oficiais ou semi-oficiais. Os preços para os plantadores são satisfatórios, consi-

derando-se as condições existentes nas respectivas áreas e são fixados pelas autoridades ou regulados pelos governos locais. Em Uganda, por exemplo, o presidente da Junta de Mercado e Indústria de Café anunciou que o preço que será pago aos cultivadores de algodão para a safra de 1955-56 será equivalente a 7 centavos de dólar por libra-pêso para o algodão em caroço. Isso corresponde a um preço de cerca de 21 centavos de dólar por libra-pêso de algodão em pluma. Essa é uma base preliminar para a determinação do preço que pode ser elevado um centavo ou dois antes do fim da temporada, mas, aos preços correntes de mercado, pode ver-se que a Junta de Mercado poderia vender o algodão de Uganda se necessário com grande redução. Na prática, a Junta alcança o melhor preço possível e distribui os ganhos acima ou abaixo do preço pago aos produtores para trabalhos ulteriores de desenvolvimento da cultura, pesquisas ou como bonificação aos produtores. No presente, a Junta dispõe de apreciável fundo para certas eventualidades que pode ser usado para subsidiar a exportação de algodão caso essa decisão se torne necessária.

Em muitos territórios coloniais as Juntas de Mercado são responsáveis pelo armazenamento e venda da safra; elas podem ter ou não contratos com a indústria algodoeira das metrópoles, porém, na prática, existe um contrato implícito e a maior parte do algodão produzido segue para as metrópoles europeias. Por exemplo, a totalidade do algodão produzido em Moçambique e em Angola é exportado para Portugal. Há muito elas provaram sua capacidade de negociar toda a produção e de garantir ganhos estáveis aos plantadores ao vender acima do preço pago aos últimos durante o "boom" de 1950-1951 e ao manter preços para lavradores a despeito da queda mundial de preços de 1952.

Em geral, no Paquistão, o algodão tem sido cotado acima do nível dos últimos meses e, exceto no tocante a poucos ajustes comerciais bilaterais, não parece que esse país tenha diligenciado no sentido de exportar seu algodão para os mercados mundiais. O custo da produção é suficientemente baixo para que a pluma possa entrar no comércio internacional até com uma conveniente sobrecarga tributária sobre a exportação. Em confronto com o ano recorde de 1952-53, quando o Paquistão exportou cerca de 1 300 000 fardos (de 500 libras-pêso cada um) os suprimentos exportáveis têm sido reduzidos durante os últimos dois anos. As colheitas não foram grandes e o consumo interno quase dobrou.

(N. da R. de "A Agricultura em São Paulo": Informa o mensário "Cotton", do International Cotton Advisory Committee, de Washington, que, em seguida à desvalorização da moeda pelo Paquistão e ao aumento das taxas de exportação, ocorreu ali sensível elevação dos preços internos do algodão; em termos de moedas estrangeiras, contudo, os preços agora estão alguns centavos de dólar abaixo do nível que precedeu à desvalorização. Em 25 de agosto, o tipo 280F Punjab S.G.F. estava cotado a 25.88 centavos de dólar por libra-pêso em cotejo com 31.07 centavos de dólar em 28 de julho. Nessas duas datas e tipo 5 de São Paulo era cotado a 35.46 centavos de dólar. Em rupias, moeda paquistanesa, os preços subiram de 84.75 para 101.44 respectivamente no período mencionado).

No Sudão, a produção de algodão é movimentada de modo a assegurar ao plantador um preço razoável, considerando-se as condições ali existentes. Nos últimos anos esse preço tem-se mantido abaixo do nível internacional. Uma agência oficial controla a produção e adianta dinheiro aos produtores durante a época de plantio. Essa agência negocia o algodão a preços baseados no mercado mundial e uma parte dos lucros é dividida entre os lavradores e a outra usada para propósitos de desenvolvimento.

Taxas de exportação

Alguns dos países produtores de algodão criaram taxas sobre a exportação da pluma, as quais vão mencionadas adiante, tais como correntemente em uso:

País	Taxas de exportação por libra-pêso Equivalência em centavos de dólar
Egito	8.77 sobre o Karnak e outras fibras longas 5.88 sobre o Ashmuni e todos os demais
Guatemala	2,0
Índia	6.64 sobre todas as variedades
México	5.54

Paquistão	6.93 sobre as variedades 4.62 sobre o Desi
Peru	7.60 sobre o Tanguis, tipo 3 1/2 6.27 idem, idem, tipo 5. 7.12 idem, idem, Pima, tipo 1
Síria	2.45 desde 8-15-52

Os governos de muitos desses países instituíram as taxas de exportação durante o "boom" que se seguiu à 2ª. Guerra Mundial. Em alguns casos elas foram criadas a fim de retirar parte da renda oriunda da espiral ascendente dos preços das mercadorias e, assim, prevenir ou limitar a inflação. Algumas dessas taxas foram aumentadas em decorrência da rápida alta de preços manifestada depois do irrompimento da guerra na Coreia. Em anos recentes elas têm sido reduzidas de tempos em tempos por alguns países. Sem embargo de que alguns desses governos tenham considerável porção da receita pública derivada das taxas de exportação sobre o algodão, é considerado provável que quase todos esses países podem reduzi-las ou eliminá-las se for necessário. Alguns deles consideram que precisam exportar algodão a fim de obter câmbio estrangeiro para o pagamento das importações. Outro fato que influencia a exportação de algodão por tais países é a escassez de financiamento que pode determinar a estocagem de algodão durante longo período. Em certos casos, a falta de facilidade de armazenamento pode ser um fator determinante de uma ativa movimentação da pluma para os mercados de exportação.

Políticas nacionais

Em alguns países, a política de produção e de exportação de algodão sofre a influência de aspirações nacionalistas as quais têm muito pouca relação ou nenhuma com as considerações de ordem econômica. Certos países desejam alcançar a autossuficiência na produção de algodão ao máximo possível e continuarão a produzi-lo mesmo que não seja econômico fazê-lo. Outros, estão tentando expandir a produção de algodão visando assegurar uma exportação que forneça os cambiais indispensáveis ao pagamento das importações necessárias. Quando considerações nacionalistas orientam a política relativa à produção e exportação de algodão, é duvidoso que o preço internacional dessa fibra possa influir de maneira significativa sobre semelhante política.

Fonte: "Foreign Agriculture Circular", Departamento da Agricultura, Washington, E.U.A. 12 de julho de 1955.

PRODUÇÃO MUNDIAL DE CARNE EM 1954

A produção de carne em 1954 nos principais países do mundo, salvo no Extremo Oriente, foi 8 por cento mais elevada que o recorde de 1953, 24 por cento maior que a média de 1946-50 e 20% mais alta que antes da guerra. A produção nos 42 países dos quais se dispõe de estimativas pormenorizadas totalizou 83 bilhões de libras-pêso (uma libra-pêso corresponde a 453,6 gramas) e representa 93 por cento da produção mundial, exclusiva da China.

Há perspectivas de moderado acréscimo na produção durante o corrente ano. Crescem o número de cabeças de gado vacum e de ovelhas a ponto de terem sido estabelecidos novos recordes. O número de suínos cresceu de 6 por cento em 1954 estabelecendo, igualmente, novo total mais alto. Deverão ser atingidos novos recordes na produção de carne na Austrália, Nova Zelândia, Reino Unido, França e outros países da Europa Ocidental. Nos Estados Unidos, o maior produtor mundial, espera-se que, pela quarta vez consecutiva, seja batido novo recorde.

Os progressivos aumentos observados na produção de carne há diversos anos nos Estados Unidos, Reino Unido, Alemanha Ocidental, Itália, Suécia e França tendem a limitar as necessidades de importação. Durante os dois últimos anos, contudo, a União Soviética importou grandes quantidades de carne do Ocidente. Demais, devido à prosperidade geral do mundo tem havido contínua e sensível procura de carne,

o que suscitou o aparecimento de um mercado favorável para os excedentes dos países produtores, tais como a Austrália, a Nova Zelândia, a Dinamarca, a Argentina, o Uruguai e a Irlanda.

A produção de carne no globo atingiu, agora, tão alto nível que poderia parecer tivessem os principais países exportadores que esperar por preços mais baixos para a sua produção, e que a competição pelos mercados de exportação se tornasse mais aguda. A Nova Zelândia, Austrália, Alemanha e França adotaram planos para a abertura de novos canais de exportação para a sua produção interna. Alguns desses países, juntamente com a Dinamarca, estão particularmente interessados no aumento dos embarques para a União Soviética e outras áreas da Europa Oriental; em virtude das sombrias perspectivas no pertinente ao aumento das vendas à Grã-Bretanha. É a Inglaterra o maior país importador do globo e contribuiu com 76% do movimento do mercado internacional de carne em 1953. Estoques de carne congelada acumularam-se na Grã-Bretanha desde a abolição dos controles em julho de 1954. A produção interna aumentou substancialmente em anos recentes. Ela concorreu para suprir 87% da procura de "carcass meat" e "edible offal" comparados com 65% em 1951 e apenas 51% na pré-guerra. A produção doméstica supriu 46% do consumo de tocinho e presunto em 1954 em relação a 29% apenas na pré-guerra. Desde a abolição do controle do comércio de carne e do fim do racionamento, os consumidores britânicos revelaram maior preferência pela carne fresca ou frigorificada que pela congelada. Os preços correntes de atacado do bife congelado da Austrália e Nova Zelândia representam cerca da metade dos preços dos mesmos tipos de bifês da produção interna ou irlandesa. Isso resultou num grande acréscimo das importações britânicas de "chilled beef" da Austrália, Nova Zelândia, Argentina e Uruguai.

Na América do Sul, aparentemente, a produção total de carne nos principais países produtores em 1954 foi levemente inferior que há um ano e moderadamente abaixo da média de 1946-50. Em certo número de países a procura de carne prossegue desusadamente volumosa a preços controlados e avultadas quantidades têm sido consumidas no mercado interno.

A Argentina, finalmente, preencheu o deficit de carne ocorrido no ajuste com a Grã-Bretanha em 1954, elaborado pelo Ministério da Alimentação antes da supressão do controle. Agora, estão sendo feitos livremente os embarques de carne. O firme afluxo de gado, antecipado durante os meses de inverno, será com toda a probabilidade suficiente para proporcionar um excedente exportável, cujo maior volume será remetido para a Inglaterra sob a forma de "chilled beef". Recente acordo de trocas com a U.R.S.S. inclui 44 milhões de libras-peso de carne de carneiro, cerca da metade já embarcada. A exportação desse tipo de carne, a maior parte da qual para a Inglaterra, somou 37 milhões de libras-peso nos primeiros cinco meses de 1955.

A seguinte estatística permite ter-se uma idéia da situação do mercado mundial de carne no período indicado, nos principais países produtores:

(Estimativas preliminares da produção de carne de vaca, de vitelo, de porco, de carneiro e outros tipos) (Em milhões de libras-peso)

País	Carne de vaca e de vitelo		Carne de porco, menos tocinho		Carne de carneiro		1954 como porcentagem de		Total 1954
	Média de 1946-50	1954	Média de 1946-50	1954	Média de 1946-50	1954	1946-50	1953	
E.U.A.	10,980	14,647	10,541	9,952	743	734	114	102	25,333
Argentina	4,284	3,527	391	287	540	485	82	98	4,299
Grã-Bretanha	1,230	1,416	490	1,317	305	409	153	105	3,142
BRASIL	2,114	2,376	512	571	69	86	113	101	3,033
Austrália	1,226	1,618	210	194	701	840	124	102	2,652
França	1,937	2,998	1,398	1,984	185	243	149	108	5,423
Alemanha									
Occidental	1,060	1,836	1,530	2,925	45	39	180	104	4,870
Dinamarca	327	419	520	1,110	7	2	178	109	1,570
Uruguai	543	662	36	33	164	132	111	93	827
Nova Zelândia	409	461	84	82	708	733	106	105	1,276
Canadá	1,043	1,135	956	930	54	30	102	106	2,095

Notas:

No tocante ao Brasil está excluída a produção para consumo das fazendas. Na Nova Zelândia os anos terminados a 30 de setembro.

Para a Alemanha Ocidental média de menos de cinco anos.

Fonte: "Foreign Agriculture Circular" Departamento da Agricultura dos Estados Unidos, Washington, 9 de junho de 1955.

DECLINA O CONSUMO DE ALGODÃO NAS FIAÇÕES JAPONESAS

O consumo de algodão pelas fiações do Japão durante os primeiros oito meses- agosto a março- da temporada de vendas de agosto de 1954 a julho de 1955, caiu de 8 por cento em relação ao período anterior.

A importação de algodão em agosto-março de 1954-55 alcançou o total de 1 338 000 fardos, o que representa uma queda de 15 por cento nas importações do período correspondente de 1953-54, que foram de 1 565 000 fardos.

Os estoques de algodão no Japão em 31 de março deste ano su biam a 509 000 fardos, aumento de 8 por cento em confronto com 470 000 em fevereiro e 8 por cento mais que os estoques de 484 000 fardos em 31 de março de 1954.

A posição do Brasil, no conjunto das aquisições de algodão pelo Japão, pode ser assim descrita: A média das importações de algodão brasileiro foi de 202 500 fardos em 1935-39, em relação a 1 250 500 comprados na Índia e 1 126 600 nos E.U.A. (todos equivalentes a fardos de 500 libras-peso cada um).

No período agosto-março de 1954-55, o Japão importou do Brasil 193 700 fardos, em comparação com 330 100 do México, 100 100 do Paquistão, 56 000 da Índia e 499 500 dos Estados Unidos, dentro do total de 1 338 300 fardos montante das importações de todos os países naquele último período da temporada fiada.

N. da R. de "A Agricultura em São Paulo": Percentualmente, o Brasil exportava para o Japão a média de 6,40 por cento do total das aquisições de algodão por esse país em 1935-39, em cotejo com 35,50% dos Estados Unidos e 39,40% da Índia, mais 19,80% dos demais. Em 1954-55- agosto a março- a percentagem do Brasil foi de 14,50% em relação à de 24,70% do México, de 7,50% do Paquistão, de 37,40% dos Estados Unidos e 16% dos demais, de acordo com os dados acima expostos.

Fonte:- "Foreign Crops and Markets", Departamento da Agricultura, E.U.A., Washington, volume 70, nº 24, 13 de junho de 1955.

* * *

PREÇOS MÉDIOS RECEBIDOS PELOS LAVRADORES

SETEMBRO DE 1955*

Em Cr\$

SETORES AGRÍCOLAS	A R R O Z		FEIJÃO	ALGODÃO EM CAROÇO	MILHO	CAFÉ		AMENDOIM	MAMONA	BATATA	CEBOLA
	Em casca	Beneficiado	Sacas	Por	Sacas	Em casca	Beneficiado	Em casca	Por	Sacas	Por
	Sacs. 60kg	Sacs. 60 kg	60 kg	arrôba	60 kg	Sacs. 40kg	Sacs. 60 kg	Sacs. 25kg	quilo	60 kg	arrôba
Araçatuba	329,80	626,30	605,20	137,60	241,10	692,10	2 317,90	94,60	4,20	-	-
Araraquara	380,50	630,00	651,00	-	254,60	687,40	2 112,50	113,10	5,20	280,00	-
Avaré	400,80	639,90	565,00	-	201,90	653,50	2 043,80	-	-	-	180,00
Bauru	396,20	661,50	597,10	134,10	221,80	721,40	2 240,50	95,60	4,30	320,00	-
Bebedouro	350,10	584,80	598,50	143,60	204,80	679,60	2 256,60	100,40	5,20	-	-
Bragança	320,00	550,00	600,00	-	-	700,00	2 289,80	-	-	-	-
Campinas	411,80	675,60	574,50	-	240,60	705,30	2 125,50	-	-	273,60	125,90
Catanduba	364,30	622,60	553,90	152,90	228,80	695,40	2 225,50	95,00	4,70	315,00	155,00
Itapetininga	361,80	615,90	534,80	145,00	218,40	-	-	-	-	248,70	148,00
Jad	395,80	635,50	563,10	-	235,50	707,20	2 304,00	-	5,20	-	-
Marília	374,60	648,80	618,00	120,90	232,90	717,60	2 178,80	97,30	4,50	227,10	155,00
Paraguari	355,40	600,00	600,00	140,00	240,40	750,00	2 200,00	93,00	5,00	-	-
Piracicaba	394,10	625,40	555,80	157,20	241,90	700,00	1 943,90	102,60	-	297,50	154,50
Piraguanunga	395,70	655,70	625,40	148,60	242,20	834,70	2 335,90	-	-	235,80	151,50
Presidente Prudente	378,00	580,10	619,70	125,00	242,60	603,80	2 074,40	87,10	4,50	123,10	-
Ribeirão Preto	381,50	600,20	647,40	140,40	212,50	710,50	2 314,30	110,00	4,80	184,20	-
São José de Rio Preto	377,80	624,40	582,30	103,20	224,40	683,40	2 252,90	80,00	-	-	-
São Paulo	400,00	630,00	603,30	-	250,00	-	-	-	-	233,30	140,00
Santos	-	540,00	650,00	-	250,00	-	-	-	-	-	-
Taubaté	367,60	560,00	600,00	-	250,00	-	-	-	-	-	-
Preço ponderado do Estado em setembro de 1955	370,10	617,90	596,50	128,50	226,70	702,80	2 210,40	95,80	4,80	221,40	144,00
Idem em agosto de 1955	369,80	598,60	522,20	136,50	203,50	716,10	2 249,90	81,00	3,90	260,80	158,00
" " julho " 1955	347,00	589,00	423,10	137,10	189,50	616,70	2 020,30	75,60	3,30	220,60	163,70
" " junho " 1955	336,30	573,60	410,40	142,10	177,80	555,60	1 838,60	71,70	2,90	222,50	149,20
" " maio " 1955	356,20	604,40	414,70	139,60	163,70	617,70	1 938,80	77,00	2,80	199,10	128,80
" " abril " 1955	390,50	651,20	745,80	128,70	161,50	641,70	1 967,60	73,50	2,80	209,60	112,90
" " março " 1955	430,10	690,90	750,40	132,30	152,40	646,30	1 967,10	77,90	2,70	217,20	107,70
" " fevereiro " 1955	399,20	644,30	620,20	-	148,10	680,30	2 039,10	90,90	2,70	229,10	110,20
" " janeiro " 1955	400,90	654,30	610,40	-	144,80	703,90	2 088,40	108,90	2,70	300,50	94,70
" " dezembro " 1954	414,10	677,80	440,40	-	132,20	724,50	2 095,50	137,50	2,90	329,90	81,50
" " novembro " 1954	395,40	664,00	345,00	-	112,50	717,10	2 107,70	130,60	2,50	331,80	89,70
" " outubro " 1954	395,00	652,70	298,20	118,30	99,90	754,20	2 184,20	128,10	2,80	332,00	104,80
" " setembro " 1954	383,20	642,80	275,10	119,90	95,20	780,70	2 281,20	119,70	2,90	358,00	138,40

* Dados sujeitos a revisão posterior

Dados coletados pela Seção de Mercados e Preços

IMPORTAÇÃO DE CABOTAGEM PELO PORTO DE SANTOS, EM 1955
(Toneladas)

JANEIRO			JANEIRO		
PRODUTOS	Agosto	Setembro	PRODUTOS	Agosto	Setembro
		(*)			(*)
ADUBOS					
Adubos	2 369	1 127	Cacau	669	131
BEBIDAS			Café	-	-
Aguardente	289	63	Carne	801	104
Vinho de mesa	19 583	3 322	Carne de porco	286	30
Outras bebidas	239	25	Castanha	157	89
CEREAIS			Cebola	14 681	-
Arroz	49 286	10 231	Côco	3 873	388
Aveia	510	113	Côco ralado	251	37
Cevada	4 037	446	Condimentos	98	20
Milho	692	2 087	Conservas	5 532	731
PRODUTOS ANIMAIS			Doce	250	43
Cêra de abelha	84	11	Ext.tomate	774	190
Crina(an.e veg.)	376	61	Far.mandioca	3 767	2 366
Peles	382	14	Farinhas(outras)	27	30
DIVERSOS			Fécula mandioca	1 178	162
Fumo em fôlhas	7 924	975	Feijão	5 396	363
FIBRAS E FIOS			Leite de côco	96	46
Algodão	10 573	1 352	Lentilha	652	167
Caroá	1 636	251	Peixe	406	83
Côco	10	1	Pimenta	143	8
Juta	5 267	2 569	Sal	162 178	35 614
Lã	8 239	550	Tapioca	96	1
Malva	817	565	MADEIRAS		
Paina	14	-	Canela	302	73
Piaçaba	699	131	Cedro	101	28
Sisal	5 449	383	Imbuia	1 074	187
Uacima	24	14	Freijó	357	243
Fios de algodão	11	-	Peroba	3	-
Fios de côco	-	3	Pinho	14 663	3 638
OLEOS E GORD. VEGETAIS			Sucupira	40	-
Cêra de carnaúba	245	7	Madeiras(outras)	493	76
Cêra de curicuri	49	18	PRODUTOS ERVANÁRIA		
Manteiga de cacau	86	8	E SEMENTES		
Óleo de babaçu	1 320	154	Alpiste	60	2
Óleo de car.algodão	4 829	846	Babaçu	7 426	384
Óleo de côco	33	11	Guaraná	41	0
Óleo de linhaça	2 013	313	Gergelin	210	23
Óleo de citicica	356	81	Ouricuri	9	-
Óleo de sassafrás	104	6	Semente ucudba	869	61
Óleo de tungue	32	6	RESÍDUOS E TORTAS		
Óleo de ucudba	-	-	Resíduos de algodão	1 110	133
Sebo de ucudba	2	5	Torta de cacau	237	22
GERMES ALIMENTÍCIOS			Tortas(outras)	-	-
Açúcar	52 669	420	TRIGO E FAR.DE TRIGO		
Banha	1 889	424	Farinha de trigo	232	65
Batata	-	-	Trigo em grão	39 405	1 921

Quadro elaborado pela Subdivisão de Economia Rural com dados de "Diário do Comércio" da Associação Comercial de São Paulo

(*) Dados suscetíveis de aumento.

IMPORTAÇÃO DO EXTERIOR PELO PORTO DE SANTOS, EM 1955
 (Toneladas)

P R O D U T O S	Janeiro		P R O D U T O S	Janeiro	
	a Agosto	Setembro		a Agosto	Setembro
		(*)			(*)
ADUBOS					
Cloreto de potássio	28 150	2 158	Castanha	-	-
Fosfato	27 594	6 152	Cevada	10 809	282
Salitre do Chile	15 466	2 000	Damasco	26	8
Sulfato de amônio	12 362	1 942	Ervilha	580	440
Sulfato de potássio	2 223	870	Ext.tomate	-	-
Superfosfato	40 563	6 488	Figo seco	-	-
Hiperfosfato	5 153	-	Grão de bico	644	-
Adubo químico n.e.	22 731	1 745	Leite em pó	596	86
ARAME E GRAMPOS					
Arame farpado	7 546	603	Lentilha	-	-
Grampos p/cêrca	353	56	Maça	14 517	2 206
BEBIDAS					
Aguardente	20	2	Malte	10 050	-
Champanha	18	2	Malte-cevada	3 910	-
Uisque	18	-	Melão fresco	508	51
Vinho de mesa	672	181	Nozes	218	-
Outras bebidas	93	10	Peixe	85	6
FERRAMENTAS					
Enxadas	2	-	Pêra	6 729	373
Foices	-	-	Perú congelado	-	-
Machados	4	-	Pêssego fresco	462	-
FIBRAS E FIOS					
Fibra cânhamo	66	-	Pimenta em grão	1	-
Fibra linho	83	17	Tâmara	7	-
Fios de algodão	-	-	Uva fresca	3 257	6
Fios de cânhamo	-	-	Uva passa	202	48
Fios de lã	32	1	ÓLEOS E GORDURAS		
Fios de linho	1 559	78	VEGETAIS		
Fios de raion	-	-	Azeite de oliva	3 188	498
Juta	-	-	Óleo de pinho	3	-
Lã	46	5	MÁQUINAS		
GÊNEROS ALIMENTÍCIOS					
Alho	2 417	43	Tratores e pertences	6 618	335
Ameixa fresca	896	-	PRODUTOS HORTIVÁRIA E SEMENTES		
Ameixa seca	391	150	Alpiste	1 007	172
Amêndoas	51	-	Jarina	-	-
Anchova	33	1	Lúpulo	738	81
Azeitona	4 015	406	Palha de Guiné	727	18
Aveia	3 544	-	Sementes de flores	7	-
Avelã	53	5	Sementes de horta	5	-
Bacalhau	6 643	673	PRODUTOS QUÍMICOS		
Batata (e semente)	5 220	327	D.D.T.em pó	334	198
Canela	4	-	Fungicida	187	14
Cravo	1	-	Hexacloroto benzeno	401	81
			Inseticidas	3 571	1 154
			Óleos essenciais	9	1
			TRIGO E FARINHA DE TRIGO		
			Farinha de trigo	13 000	-
			Trigo em grão	428 088	69 509

Quadro elaborado pela Subdivisão de Economia Rural, com dados do "Diário do Comércio" da Associação Comercial de São Paulo

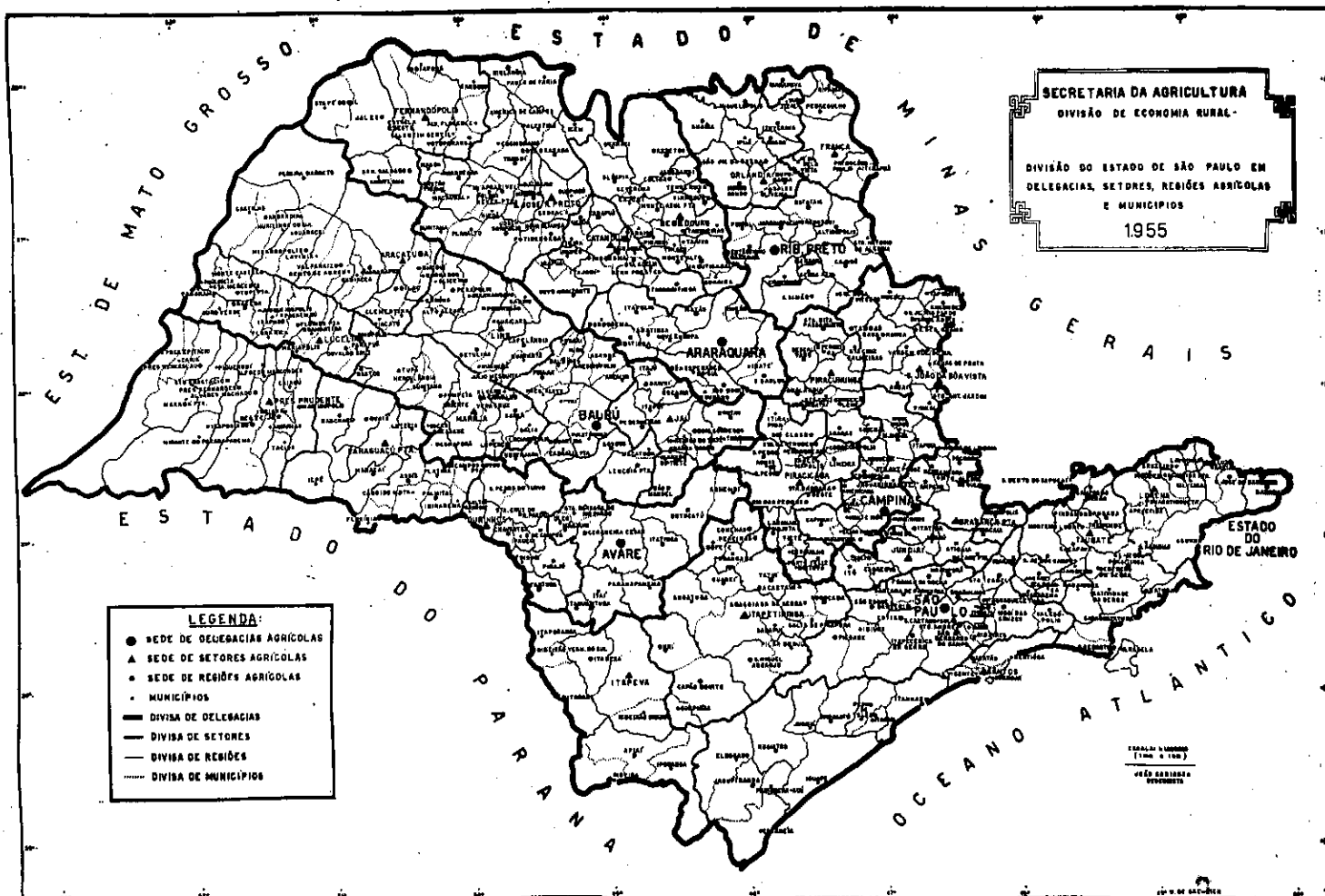
(*) Dados suscetíveis de aumento.

EXPORTAÇÃO PARA O EXTERIOR PELO PORTO DE SANTOS, EM 1955
 (Toneladas)

P R O D U T O S	Janeiro e Julho	Agosto	Setembro
Café(Sacas de 60 quilos)(1)	3 634 051	502 839	697 509
Algodão em pluma (2)	73 254	15 548	9 463
Algodão "linteras" (2)	9 153	1 843	1 437
Resíduos de algodão(2)	3 359	724	421
Piolho de algodão(2)	-	-	-
Milho (3)	13 893	-	-
Arroz (3)	-	-	-
Fragmentos de arroz(3)	-	-	-
Amendoim em casca (3)	61	-	45
Amendoim descascado(3)	17 217	183	235
Mamona (3)	3 346	359	-
Chá (3)	259	1	19
Fécula de mandioca (3)	515	345	1 082
Óleo de limão (3)	-	-	-
Erva Mate (3)	32	-	-
Laranja (caixas)	319 014	90 559	47 145
Banana (cachos) (3)	7 020 789	823 234	808 619
Banana Flakes(4)	141	-	10
Bambu	35	6	5
Caféina	-	-	-
Cacau	85	-	-
Carne em conserva	489	398	254
Carne salgada	-	-	-
Cola de ossos	-	-	-
Côra de carnaúba	3	-	-
Côra de abelhas	40	-	10
Couros curtidos	-	-	-
Couros de porco curtidos	-	-	-
Couros salgados e secos	3 959	83	-
Crina animal	33	-	-
Farinha de chifres e ossos	318	-	41
Farinha de sangue	25	30	-
Farelo de amendoim	-	-	-
Farelo de babaçu	-	-	-
Farelo de gergelim	-	-	-
Fios de algodão	97	9	3
Fumo em folhas	-	-	-
Glândulas congeladas	37	20	-
Madeiras	105	58	30
Manteiga de cacau	-	-	-
Mentol	147	5	6
Óleo de amendoim	-	-	-
Óleo de eucalipto	15	2	2
Óleo de hortelã	90	1	-
Óleo de mamona	3 709	-	-
Óleo de sassafrás	113	17	12
Óleo de tungue	288	21	-
Ossos	410	23	12
Pelos silvestres	522	25	48
Resíduos de fiação	171	-	-
Resíduos de raion	-	-	20
Sangue seco	863	38	208
Tecidos de algodão	5	-	-
Torta de cacau	71	-	-

Fontes: 1- Instituto Brasileiro do Café
 2- L.Figueiredo S/A

3- Divisão de Economia Rural
 4- Associação Comercial de Santos



SECRETARIA DA AGRICULTURA
 DIVISÃO DE ECONOMIA RURAL

DIVISÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO EM
 DELEGACIAS, SETDRES, REGIÕES AGRÍCOLAS
 E MUNICÍPIOS

1955

- LEGENDA:**
- SEDE DE DELEGACIAS AGRÍCOLAS
 - ▲ SEDE DE SETORES AGRÍCOLAS
 - SEDE DE REGIÕES AGRÍCOLAS
 - MUNICÍPIOS
 - DIVISA DE DELEGACIAS
 - DIVISA DE SETORES
 - DIVISA DE REGIÕES
 - DIVISA DE MUNICÍPIOS

ESCALA 1:1.000.000
 (1 CM = 100 KM)

IMPRESSO NA DIRETORIA DE PUBLICIDADE AGRÍCOLA